Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

INTERSECÇÕES DE UMA CORRIDA ORIENTADA NA (RE)CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS CARTOGRÁFICOS

Vitor Marques
vitormarques.geo@outlook.com

Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor de Geografia.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8643-3699

Clea Cardoso da Rocha
ccrocha@uefs.br

Mestre em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7449-6526

Marcelo Oliveira de Faria
marcelo.faria65@gmail.com

Doutor em Educação (UFBA) e Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

ORCID: http://orcid.org/0000-0002-9793-8964

RESUMO

Este artigo buscou analisar a Corrida Orientada e suas intersecções didáticas para auxiliar na interpretação e compreensão da linguagem cartográfica dos estudantes da escola básica. Desviando de binarismos impostos à Cartografia Escolar, marcada por uma espacialidade cartesiana, que entende o mapa como "representação da realidade", optamos por uma abordagem pós-estrutural, notadamente pós-representacional que procura situar as experiências de estudantes (mapeadores) do ensino médio de uma escola parceira do subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como parte do processo de mapeamento, e o mapa como uma dimensão aberta, produto da compreensão e interpretação das experiências espaciais e sua interação semiótica, observados a partir dos acontecimentos forjados por negociações e intencionalidades espaciais diversas, expressos na dinâmica relacional de cada mapeador e seus pensamentos e imaginações espaciais.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Geografia, Cartografia, Corrida orientada.

INTERSECTIONS OF AN ORIENTED RACE IN THE (RE)CONSTRUCTION OF CARTOGRAPHIC KNOWLEDGE

ABSTRACT

This article sought to analyze the Oriented Run and its didactic intersections to help in the interpretation and understanding of the cartographic language of two elementary school students. Deviating from the imposed binarisms of School Cartography, marked by a Cartesian spatiality, which understands the map as "representation of reality", we opted for a post-structural approach, markedly post-representational, that seeks to situate the experiences of students (mappers) of middle school of a partner school of the Geography subproject of the Institutional Program of Teaching Initiation Exchanges (PIBID) of the State University of Feira de Santana (UEFS), as part of the mapping process, and the map as an open dimension, product of understanding and interpretation the spatial experiences and their semiotic interaction, observed from two events forged by negotiations and diverse spatial intentions, expressed in the relational dynamics of each mapper and their spatial thoughts and imaginations.

KEYWORDS

Geography teaching, Cartography, Orienteering race.

Introdução

> *... para que latitude ou longitude será que estou indo?" (Alice não tinha a menor ideia do que fosse latitude, nem do que fosse longitude, mas lhe pareciam palavras imponentes para se dizer).*
> *Carroll (2002, p. 13)*

No caminho para o fundo do poço, Alice se lembrava de conceitos cartográficos dos quais ela não tinha a menor ideia do que significava. Evidentemente, os conceitos das coordenadas geográficas são imprescindíveis para geolocalização, mas, descolados da experiência espacial, como normalmente são apresentados na escola, pouco ou nada contribuem para sua efetivação. O humor da citação, não está apenas na atrapalhação do significado dos termos em si, mas também, no fato de que eles não ajudariam diretamente naquela situação.

Ao cair no poço, Alice busca – sem sucesso – algo que possa ajudá-la a se situar no espaço-tempo da queda: sua posição relativa, percurso, rumo... O recurso à cartografia escolar (mapas, títulos, coordenadas, legendas, escala, etc.) concebida como "conteúdo a ser aprendido" mais do que como linguagem, pouco contribui à análise e interpretação de experiências espaciais e mais favorece, no caso de Alice, à reprodução de ideias prontas e acabadas, de certezas que a Inglaterra Vitoriana lhe ensinou. No

entanto, guardadas as devidas proporções, muito do que se ensina de cartografia na escola atual reproduz este modelo.[1]

A fim de experimentar, no Ensino de Geografia do Ensino Médio, uma proposta que possibilitasse (re)significar os conhecimentos cartográficos, sem a certeza de aplicações diretas e automáticas de conceitos puros em qualquer contexto, propusemos a Corrida Orientada e suas intersecções na interpretação e leitura da linguagem cartográfica, na tentativa de rasurar significantes que, tradicionalmente, copulam o Ensino de Geografia.

A origem da Corrida Orientada não está na educação, mas no esporte que surgiu nos países nórdicos em 31 de outubro de 1897, cujo primeiro registro se deu na cidade de Bergen, Noruega. Os militares trouxeram a modalidade para o Brasil na década de 70 e, em janeiro de 1999, foi fundada a Confederação Brasileira de Orientação (CBO) (AIRES et al., 2011). Tomando por base a sua modalidade mais praticada no Brasil, poderemos definir a Corrida Orientada como um esporte em que o praticante tem que passar por pontos de controle marcados em um determinado terreno, no menor tempo possível, com o auxílio de um mapa e de uma bússola. Assim, o mapa aparece como um campo aberto às experiências dos envolvidos no jogo, que devem ser capazes de analisar e interpretar possibilidades diversas e tomar decisões acerca dos percursos e itinerários, portanto, os indivíduos e grupos se tornam mapeadores e usadores, mais que usuários dos mapas.

Assim, neste artigo, defendemos a ideia que a Corrida Orientada é uma possibilidade de intersecção didática que pode auxiliar os estudantes da escola básica na tradução e compreensão da linguagem cartográfica, já que através de observações, discussões e revisões bibliográficas sobre o ensino da cartografia, os integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)[2], em desenvolvimento em uma das escolas parceiras, perceberam a cartografia tratada como fechada e acabada no ensino médio.

Desviando de binarismos impostos à Cartografia Escolar, marcada por uma espacialidade cartesiana, que entende o mapa como "representação da realidade", optamos por uma abordagem pós-estrutural, notadamente pós-representacional, a qual

[1] É importante lembrar que a própria noção de coordenada geográfica definida em termos de latitude e longitude remete a uma forma específica de representação do espaço, uma perspectiva historicamente construída, mas que na geografia escolar foi naturalizada.

[2] A Corrida Orientada foi realizada com estudantes de uma escola estadual de Feira de Santana, parceira do PIBID na UEFS. Teve como integrantes os bolsistas: Daniege de Souza Lima, Diego Rebouças Costa, Jamile Ferreira Alves, Jéssica Damaceno Sampaio, Kécio de Oliveira da Silva, Keyze Luana Almeida da Silva, Lucas de Oliveira Silva, Naiana Paim De Oliveira, Pollyana Coelho Cerqueira, Valdeir Vieira dos Santos e Vitor Marques Almeida.

Gisele Girardi explica que "se assenta na ideia de que não há uma realidade já dada, disponível à apreensão, mas que ela é constituída ou formada por meio das inter-relações que se cria com as coisas, inclusive com os mapas" (GIRARDI, 2014, p.76). Neste sentido, o mapa deve ser compreendido para além da representação espacial (ponto de chegada), e concebido como uma linguagem que estabelece uma mediação semiótica dos indivíduos com uma situação espacial, mediante a qual se organiza o mundo não em uma perspectiva única, mas entre o instituído (presente no mapa como artefato) e o instituinte que, pelo uso, contempla e inaugura o devir espacial. O que está em jogo não é apenas a decodificação dos signos, mas a produção de sentidos do mundo e a criação de novos horizontes mediados pela linguagem cartográfica.

Salientamos que não buscamos aqui, apontar soluções ou novas fórmulas a serem seguidas, mas talvez propor um deslocamento na relação dos estudantes com os mapas, compreendido como mediação semiótica, de tal forma que possam, pela manipulação (uso), tomadas de decisões, etc., qualificar suas experiências espaciais, possibilitando deslocamentos específicos e mais gerais em sua relação com o espaço, compreendido como uma instância em aberto. Coadunamos com as ideias de Oliveira Jr. (2009), colocando este trabalho no campo de uma produção experimental geográfica.

> As outras linguagens que decifram e experimentam o mundo [...] vêm criando devires outros no pensamento geográfico, produzindo geografias menores: estas são ilhas no entorno do continente da geografia maior, são potências de expansão desse continente, são também as primeiras aproximações desse continente para quem vem do oceano livre e flutuante do pensamento. (OLIVEIRA Jr, 2009, p. 19).

Neste experimento, buscamos entender como o mapa pode possibilitar leituras diversas, mobilizadas por sentidos e traduções a partir da experiência na Corrida Orientada que favorece uma perspectiva ativa dos estudantes na construção do devir espaço, que contempla o virtual, por exemplo, os mapas. Uma proposta, a qual os estudantes, à medida que jogam e leem o mapa, o traduz relacionando-o com suas diferenças e multiplicidades de se relacionar com o espaço. Uma experiência pós-representacional, que não concebe o mapa como estático, mas sim como dispositivo de devires cartográficos.

> O caminho passa, então, a ser de se abrir para outras possibilidades de pensar e criar não só a cartografia, mas a própria concepção de ciência. Uma perspectiva de ciência cujo discurso não se paute na vontade de verdades dogmáticas e fixamente essencializadoras do real, mas um pensar que se coloque como criador de novos sentidos no próprio encontro com o mundo,

> como imanente ao mundo enquanto acontecimento da vida (FERRAZ, 2014, p.05).

Partimos do princípio de que os mapas devem ser compreendidos como produções sociais, criações culturais que revelam experiências espaciais situadas em uma teia ampla de possibilidades que constitui a dimensão espacial, definida por Doreen Massey como a possibilidade da presença da multiplicidade. O espaço é compreendido, neste sentido, como uma dimensão aberta da vida humana atravessada por feixes (trajetórias de diferentes naturezas e escalas), portanto política, com importante papel na produção das identificações sociais. Para ela,

> A colocação diferencial das lutas locais dentro da complexa geometria de poder das relações espaciais é um elemento-chave na formação de suas identidades políticas e de sua política. A atividade política, por sua vez, dá nova forma tanto as identidades quanto as relações espaciais. Espaço, enquanto relacional e enquanto esfera da multiplicidade, é tanto uma parte essencial do caráter do compromisso político quanto perpetuamente reconfigurado por ele. E o modo pelo qual essa espacialidade é imaginada pelos participantes também é crucial. (MASSEY, 2008, p. 258)

Se, como aponta Doreen Massey, o espaço não é uma externalidade pronta e acabada (fechada), mas uma dimensão aberta resultado de múltiplas trajetórias que nele comparecem e pulsam, a imaginação espacial (criação de imagens) e seu registro em mapas é parte importante desse processo de *produção social do espaço* com implicações importantes na formação das individualidades, nas filiações políticas e, claro, na produção do devir-espaço.

É dessas provoca-ações, que partimos pensando a Cartografia Escolar. Em derivação da noção de *recontextualização por hibridismo* (BALL, 2004), apostamos que a *tradução* de um mapa, em diversos contextos, potencializa a multiplicidade de sentidos e, cria tensões entre as normas oficias cartográficas e as (re)interpretações dos mapas emanadas de pluralidades de leituras possíveis, concordando com a geógrafa Doreen Massey, quando coloca que "[...] Se o espaço for, genuinamente, a esfera da multiplicidade, se for o reino das trajetórias múltiplas, então haverá, também, multiplicidades de imaginações, teorizações, compreensões, significados [...]" (MASSEY, 2008, p. 136).

Os sabores do mapa: experimentações de uma Cartografia da diferença

Apresentamos aqui, os referentes que nos mobilizam entorno desse estudo como forma de, minimamente, introduzir a discussão da Corrida Orientada nas perspectivas que contribuem para pensar/tensionar a Cartografia Escolar e seus *usos criativos* (OLIVEIRA JR. e GIRARDI, 2011). *Que sabores pode-se sentir na experimentação do mapa e do lugar, no tensionamento do uso criativo do mapa, com a Corrida Orientada, e suas múltiplas significações e traduções?*

De modo a fazer emergir essas linhas, apostamos, aqui nos deslizamentos entre as noções de cartografia e mapas a partir da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari; e as Cartografias pós-representacionais que emergem na Cartografia Geográfica.

A geógrafa Doreen Massey (2008), em seu livro *Pelo Espaço*, defende uma compreensão do espaço como uma dimensão aberta, com múltiplas conexões. Destacamos ainda, três proposições acerca do conceito de espaço para Massey (2004): 1. O espaço é um produto de inter-relações, desde o global ao local; 2. O espaço é esfera de possibilidades da existência da multiplicidade; 3. O espaço é produto de relações entre relações e sempre está em processo de devir.

Uma projeção única e distante, como as projeções ortogonais predominantes na cartografia escolar, não pode dar conta dessa complexidade. Sendo assim, adotar somente a cartografia oficial como única forma de estudar o espaço no ensino de geografia é comedir possibilidades outras de pensá-lo.

Essa discussão em torno da relação da cartografia como discurso de poder e produção de imaginações espaciais não é exatamente nova. Diversos foram os movimentos artísticos, como o dadaísmo e a busca de valorização de experiências na "cidade banal", a proposta de deambulação surrealista, a deriva espacial proposta por Debord e a internacional situacionista postularam a importância de se valorizar novas experiências espaciais e, registrá-las sob novas bases. Uma outra cartografia. Pensar caminhos alternativos à produção de imaginações espaciais que contemplem a experiência dos sujeitos e seu registro cartográfico como fonte de produção de saberes geográficos é nosso desafio.

O geógrafo Wenceslau Oliveira Jr., concordando com Doreen Massey, comenta que é preciso darmos mais importância "aos voos imaginativos, à valorização dos devires e descobertas inusitadas, às linhas de fuga dos pensamentos já estabelecidos" (OLIVEIRA JR., 2011, p. 11), para que seja possível a abertura de brechas para currículos menores,

geografias menores: “estas são como ilhas no entorno do continente da geografia maior, são potências de expansão desse continente, são também as primeiras aproximações desse continente para quem vem do oceano livre e flutuante do pensamento...” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 19).

Esse conceito de menor é deslizado da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, trabalhado no clássico ensaio sobre Franz Kafka. Para eles, “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas sim aquela que uma minoria faz em uma língua maior”, e, por isso, afirmam eles, que nas literaturas menores “tudo é político” (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 35). A partir dessas *provoca-ações*, sugerimos em consonância com Oliveira Jr., que mapas podem estar à deriva da cartografia-maior, num jogo de descoberta dos seus sabores. No eterno retorno do experimento de um mapa, novos sabores podem ser descobertos, numa viagem aberta para os devires, considerando o mapa com fins que se tornam começos, no jogo imanente do presente.

Tomamos o conceito de mapa de Deleuze e Guattari (2011), para pensar nesta pesquisa, o mapa aberto a multiplicidades, em movimento, como um produto inacabado, e não como uma transferência de imagem do real. O mapa está sempre se fazendo, ao contrário do *decalque*, que registra um movimento único. Uma cartografia que acontece, aqui e agora, cheia de gostos e sabores, um mapa ao vivo, que nunca fica pronto, aberto a experimentações.

> O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 21).

Perseguindo rastros de Geografias menores, e de cartografias pós-representacionais, elencamos as noções de *Cartografias Alternativas* proposta por Gisele Girardi (2012) e as *Cartografias Subversivas* de Jorn Seemann (2012), que deslizam essa discussão entre os conceitos geográficos e os filosóficos de Deleuze e Guattari.

Um mapa, um objeto desejante, uma Cartografia Alternativa, mapas menores... Gisele Girardi (2012) nos propõe que “a perspectiva de alternativo para mapas pode estar na própria linguagem cartográfica, no apropriar-se da linguagem para falar sobre o espaço, seja politicamente, seja poeticamente”, para assim, fazer rasuras na Cartografia *maior*. Sobre isso, ela comenta que

> Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentam a ideia de maior como "uma constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada''. [...] o majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas e o minoritário como devir potencial e criado, criativo" (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 52). A distinção de maior e menor dos autores não se refere às quantidades, às dimensões mensuráveis, mas àquilo que é a constância (o maior) e a variação (o menor). (GIRARDI, 2012, p.3).

Já as *Cartografia Subversiva* propostas por Jorn Seemann "significa questionar e desafiar a visão (pre)dominante (e às vezes excludente) sobre o fazer cartográfico e procurar formas alternativas de representar espaços, lugares e territórios" (SEEMANN, 2012, p. 140), agenciando a arte com mapas como ponto de partida para refletir sobre novos caminhos na geografia escolar. Uma cartografia que não se opõe binariamente a "cartografia oficial", o objetivo não é criar uma "guerrilha cartográfica", mas mostrar uma "aventura geográfica" pluralista (SEEMANN, 2012, p. 142).

A experiência da corrida orientada como experimento de uma Cartografia menor

No fervor das apropriações do espaço, nos contornos cartesianos do urbanismo rachados de devir, nos perguntamos: o que pode vazar de um mapa? No percorrer das ruas, entre dobras estruturais e atravessamentos de ordem menor, nos interessamos pelos experimentos dos sentidos no *continnum* das intensidades. O caminhar de um corpo na rua, nada produz? Sem a intenção de responder, seguimos cantando:

Onde será que isso começa
A correnteza sem paragem
O viajar de uma viagem
A outra viagem que não cessa
Cheguei ao nome da cidade
Não a cidade mesma espessa
[...]
Essa cidade me atravessa
Ôôôô, ê boi, ê bus
Será que tudo me interessa?
Cada coisa é demais e tantas
Quais eram minhas esperanças
O que é ameaça e o que é promessa
Ruas voando sobre ruas
Letras demais, tudo mentindo
[...].

O Nome da Cidade – Caetano Veloso (1984)

Devir-cidade. Passo, dança, corrida, errância, improviso, riso, contato... Uma cidade em devir que se atualiza nos corpos em acontecimento. Tomamos a Corrida Orientada como uma forma de experienciar uma cartografia menor, operando numa

tradução como performance, onde os estudantes, frente ao mapa tiveram a possibilidade de significá-los e de existir neles (LOPES, CUNHA, COSTA, 2013).

A experienciação foi realizada com estudantes do ensino médio de uma escola estadual, pelo Subprojeto de Geografia do PIBID da Universidade Estadual de Feira de Santana. Para desenvolvimento das atividades propomos três momentos: o primeiro aconteceu com oficinas nas quais houve uma conversa sobre os conhecimentos básicos de cartografia e corrida de orientação com os estudantes em sala de aula, com a discussão de conceitos básicos e dos procedimentos adotados durante a corrida; no segundo momento foram desenvolvidas atividades práticas de bússola e leitura de mapas; e a terceira a experienciação da Corrida Orientada.

Concordando com Jorn Seemann (2012), que para questionar a cartografia oficial é preciso conhecer as convenções cartográficas, realizamos, então, na biblioteca da escola, o primeiro encontro para conversar sobre o que seria o projeto e realizar uma oficina de leitura de mapas.

> [...] antes de realizar essa subversão, os professores e alunos precisam ter um conhecimento básico dos princípios e convenções da cartografia. Como poderiam inverter, reverter ou subverter mapas quando não compreendem como a cartografia funciona e que mecanismos de abstração (escala, projeção, simbologia) operam por baixo da sua fachada? A crítica cartográfica começa com o questionamento das bases. (SEEMANN, 2012, p.157).

Na oficina, percebemos a tradução impondo limites intransponíveis que impossibilitava os estudantes a manutenção e reprodução de uma suposta intenção "original" de mapas (LOPES, CUNHA, COSTA, 2013), havendo disseminações (DERRIDA, 2001) que escapam da tentativa de mapas fechados e fixos. Produzindo diferenças, rasuras em mapas prontos, é que acabamos não *"caindo nas armadilhas do mapa"* (ou não), escapando da "impressão que o espaço é uma superfície – que é esfera de uma completa horizontalidade" (MASSEY, 2008, p.160).

Posteriormente, na semana seguinte, foram propostas atividades com interpretação de mapas e uso das bússolas no pátio da escola, indispensáveis para o aprimoramento da corrida. E ali, numa condição minoritária, através dos movimentos de aprendizagem, operacionalizando a bússola e os mapas na escola, percebemos, mais uma vez, o alargar, rasurar, borrar as convenções, pelo próprio movimento de aprendizagem cotidiana, numa produção de diferença, possibilitando posteriormente que esse movimento atravesse a experiência da corrida com devires... com o devir-cidade.

> Toda a diversidade e toda a mudança remetem para uma diferença que é a sua

> razão suficiente. Tudo o que se passa e aparece é correlativo de ordens e diferenças: diferença de nível, de temperatura, de pressão, de tensão, de potencial, diferença de intensidade. (DELEUZE, 2006, p. 361)

No terceiro momento ocorreu a experiência da corrida orientada no campus da UEFS, a qual tecemos sobre, nos próximos tópicos.

Regras e equipamentos

Na corrida os estudantes receberam no momento de partida, um mapa da UEFS, com pontos discriminados graficamente em forma de círculos sobre os mais variados objetos do terreno, os chamados "pontos de controle" (PAZ, 2003), ligados e numerados em sequência. Em cada um destes colocamos uma "pista"[3] em um envelope (um para cada equipe) que foram previamente colocados no campus. Cada equipe, com o auxílio de uma bússola, deveria passar, obrigatoriamente, por todos os pontos de controle no menor tempo possível (CBO, 2000).

O mapa fornecido para o projeto foi produzido utilizando o *software* de desenho de mapas OCAD (figura 1). No mapa consta a direção do norte, representado por linhas paralelas e com intervalos iguais entre elas, sendo sobreposta à área da competição com informações detalhadas sobre o local, o mapa possui uma legenda com símbolos neles contidos que foram explicados para os estudantes (figura 2).

[3] No terreno, os pontos de controle são identificados por "um prisma de base triangular, com faces quadradas de 30 x 30 cm, divididas diagonalmente, sendo o triângulo superior branco e o triângulo inferior laranja" (CBO, 2000), pela falta do equipamento, o substituímos por pistas em envelopes.

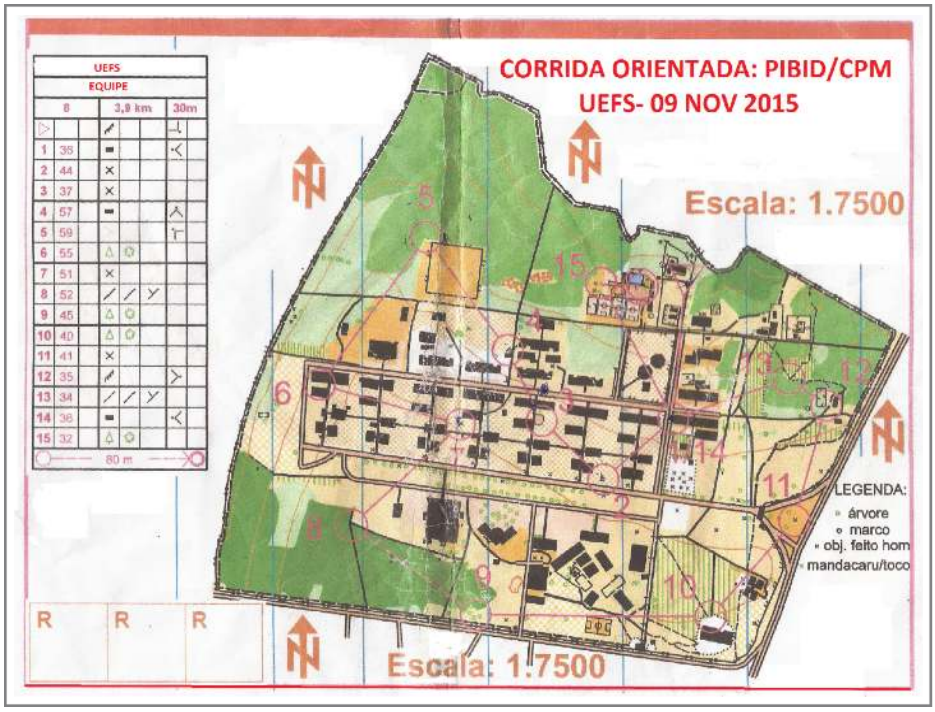

Figura 1: Mapa de orientação
Fonte: Acervo do PIBID - Subprojeto de Geografia - UEFS

SIMBOLOGIA DO CARTÃO DE DESCRIÇÃO

Barranco	Terreno rochoso	Canto de mata	Saleiro ou cocho	De cima
Pedreira	Monte de pedras	Claroira	Raiz	Do meio
Barragem de terra	Entre penhascos	Moita	Marco	Do meio
Platô	Lago	Mata derrubada	Área de carvão	Canto interno
Esporão	Açude pequeno	Trilha	Cupim	Canto externo
Costela	Buraco c/ água	Borda vegetação	Ter. acidentado	Parte de cima
Talvegue	Córrego	Bosque	Campo cob. veg.	No meio
Ravina	Canal	Renque árvores	Objeto especial	No topo
Vala seca	Charco	Estrada	Cruzamento	Na base
Colina	Pequeno charco	Ruina	Entroncamento	Final
Monticulo	Renque moitas	Picada	Raso	Entre
Colo	Terra firme	Muro	Fundo	Entre pedras
Depressão	Poço	Cerca	Aberto	Entre colinas
Pqna depressão	Nascente	Ponte	Terreno arenoso	Curva
Buraco	Charco estreito	Torre	Pinheiro	Posto d'água
Penhasco	Canal temporário	Poste	Copada	Posto d'água
Afloram. rochoso	Caixa d'água	Torre observação	Palmeira	Posto rádio
Caverna	Campo aberto	Manjedoura	Caida/ quebrada	Controlador
Pedra	Construção	Pilar de pedra	Borda norte	Prim. socorros
Campo de pedras	Campo cob. veg.	Árvore distinta	Obj. do nordeste	Rota proibida

Figura 2: Simbologia utilizada nos mapas de Orientação
Fonte: Orienta Manaus, 2007.

Dada a largada

Os estudantes foram dirigidos para o campus e divididos em equipes de quatro componentes, sendo estas orientadas por dois bolsistas do PIBID cada uma. O tempo da primeira equipe começou a ser cronometrado assim que saíram da linha de largada munidos de mapa e bússola, a equipe posterior só pôde começar seu percurso depois de 10 min que a equipe que a antecedeu começou, e assim sucessivamente com as demais. Todas as equipes tinham que passar por todos os pontos indicados no mapa, e trazer para linha de chegada os envelopes encontrados em cada ponto (figura 3 e 4).

É possível pensar uma cartografia menor a partir de uma experiência com um mapa pronto, num esporte cheio de regras e convenções? Essa cartografia é subversiva e/ou alternativa? O que pode um estudante na prática urbana, regido pela potência de um mapa?

O melhor o tempo esconde
Longe muito longe
Mas bem dentro aqui
[...]
Meu trabalho é te traduzir
[...]
Pena de pavão de Krishna
Maravilha vixe Maria mãe de Deus
Será que esses olhos são meus?

Trilhos Urbanos – Caetano Veloso (1979)



Figura 3: Divisão das equipes e orientações
Fonte: Acervo do PIBID - Subprojeto de Geografia – UEFS



Figura 4: A Corrida Orientada
Fonte: Acervo do PIBID - Subprojeto de Geografia - UEFS

Percebemos o devir no *entre*... O devir-cidade que se atualizava nos estudantes em acontecimentos, em jogadas, em cada ponto do mapa, produzindo experiências que questionaram a perspectiva de um espaço fechado e delimitado para ser experimentado, que fluía em um plano de imanência, *continuum* de acontecimentos não representativos e *desterritorializados* (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Assim, o que antes figurava (o mapa) como fechamento, passa a ser, pelo uso, uma dimensão aberta à ressignificações (mapeamentos), cujo resultado não independe das experiências vividas pelos estudantes (mapeadores). Esse processo implica, claro, o reconhecimento da existência de uma linguagem que deverá mediar a produção de mapas que revelam a experiência individual e coletiva e, portanto, expressam as posições relativas de cada um no processo, as diversas formas de entendimento e ressignificação da dimensão espacial e, portanto, uma nova "apropriação do espaço". Aquilo que aparecia como único, torna-se diverso, vivo e pleno de possibilidades de criação de devires espaciais. Esses aspectos puderam ser observados a partir da interação dos estudantes com o espaço a ser percorrido, desbravado. Espaço que sai do papel e é sentido com seus corpos e mentes. Estratégias de mapeamento foram traçadas coletivamente no interior de cada grupo a partir do manuseio do mapa e da bússola e das discussões acaloradas e entusiasmadas (figura 5 e 6).



Figura 5: Interação dos estudantes com o mapa da corrida
Fonte: Acervo do PIBID - Subprojeto de Geografia - UEFS



Figura 6: A Corrida Orientada
Fonte: Acervo do PIBID - Subprojeto de Geografia - UEFS

Observou-se a subversão dos mapas visto que sem seguir necessariamente a ordem numérica sugerida no mapa, as equipes foram traçando seus próprios caminhos, cada operação de mapeamento foi/é pensada como um acontecimento, como uma eventualidade. Interações marcadas pela *différance* (DERRIDA, 2005) em um jogar performático com fluxos de profanações e reinvenções do mapa. Entendemos que a

Corrida Orientada foi uma prática do espaço (CERTEAU, 2014) na via de um jogo/esporte imbricado entre o *afetar* e *ser afetado* pela cidade, na potência da imaginação de corpos que se encontravam com outros corpos e com o mapa.

> Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de 'operações' ('maneiras de fazer'), a 'uma outra espacialidade' (uma experiência 'antropológica', poética e mítica do espaço) e uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível. (CERTEAU, 2014, p. 159).

Nesse sentido, compreendemos também que a corrida funcionou como produtora de invenções do cotidiano e podemos afirmar que os estudantes a partir do mapa da corrida, não viram a cidade apenas "de cima", mas também "por dentro", inventando "sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante" (JACQUES, 2012, p. 24). O que pode ser observado a partir dos acontecimentos resultantes das articulações e das desarticulações entre as multiplicidades dos estudantes e dos corpos que coexistiram na experiência, notados a partir das negociações e intencionalidades espaciais diversas, expressos na dinâmica relacional de cada mapeador e seus pensamentos e imaginações espaciais que levam a diversos mapeamentos de um mesmo mapa, e observados nos comentários feitos por eles durante o mapeamento:

"Vira o mapa, vira o mapa! Assim é melhor!"
"Eu não vou por aí, tá cheio de mato"
"Pula esse ponto, vamos pegar o outro logo, está mais próximo"
"Esse quadrado é aquele prédio lá, oh!"
"Nem usei muito a bússola, fui mais pelo mapa"

A partir dos comentários e dos mapeamentos, percebe-se uma política incontrolável que incorpora as contingências de um mapear na cidade como construção irregular de sentidos, frente a tentativas hegemônicas de fixação dos sentidos e imposição de diretrizes na Geografia Escolar. Ao hibridizar sentidos diferentes na escola, com múltiplas significações instituintes, o mapa comumente "visto do alto", pôde proporcionar o pouso, assim o que está em jogo não é apenas a decodificação dos signos, mas a produção de entendimentos do mundo e a criação de novos horizontes interseccionados pela linguagem cartográfica. A espacialidade como dimensão aberta composta de materialidades e imaterialidades em permanente desconstrução, quase sempre, tensa, nem sempre solidária, e, muitas vezes, contraditória. O reconhecimento de formas e processos dominantes não devem sugerir o encerramento do processo

indeterminado de produção do espaço que é, sempre, movimento, na criação de novos conteúdos materiais e imateriais e em suas significações.

In-conclusão

Assim, a partir dessas experimentações, podemos dizer que no processo de construção de uma imaginação espacial aberta ao devir e conflituosa pela presença da multiplidade (MASSEY, 2008), é importante resgatar a perspectiva de Caetano Veloso na canção "Fora da ordem" em que ele escreve

> Eu não espero pelo dia / Em que todos os homens concordem / Apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem juízo final...
> Reconhecendo que na ordem capitalista atual...
> Alguma coisa está fora da ordem / Fora da nova ordem
> Mundial
>
> *Fora de ordem* – Caetano Veloso (1991).

E considerando que é possível intervir para mudá-la (a ordem), forma pela qual imaginamos o espaço pode ser uma peça chave nessa mudança, numa rede que não se repete o mesmo, repete-se as diferenças que inauguram devires que podem potencializar cartografias menores e subversivas e alternativas e...e...e...

Referências Bibliográficas

AIRES, António; QUINTA-NOVA, Luis; SANTOS, Luis; PIRES, Natália; COSTA, Raquel; FERREIRA, Rui. **Orientação - Desporto com pés e cabeça**. 2. ed. Mafra: FOP, 2011.

BALL, Stephen John. Performatividade, privatização e o pós-Estado do bem-estar. **Educação & Sociedade.** v. 25, n. 89, pp. 1105-1126, set/dez, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/3DXRWXsr9XZ4yGyLh4fcVqt/abstract/?lang=pt. Acesso em: 18 de setembro de 2020.

CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho.** Introdução e notas Martin Gardner. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CBO (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO). **Regras do desporto Orientação da Confederação Brasileira de Orientação.** Santa Maria: CBO, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

DELEUZE, G. **A ilha deserta e outros textos**. Organização de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka:** por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. v.2. 2.ed., São Paulo: Ed. 34, 2011.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERRAZ, Cláudio Benito O. (Orgs.). **Imagens, Geografias e Educação:** intenções, dispersões e articulações, p. 103- 117. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013.

FORA da Ordem. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. In: Circuladô. Rio de Janeiro: Philips Records, 1991. 1 CD, faixa 01.

GIRARDI, Gisele. Cartografia Geográfica: Entre O "Já-Estabelecido" E O "Não-Mais-Suficiente". **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, p. 65-84, 2014.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. **PerCursos**, v. 13, n. 2, p. 39-51, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes.** Salvador: Edufba, 2012.

LOPES, Alice Casimiro; CUNHA, Erika; COSTA, Hugo Heleno. Da recontextualização à tradução: investigando políticas de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, 2013, pp. 392-410. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Revista GEOgraphia**, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

O NOME da cidade. Intérprete: Maria Bethânia. Compositor: Caetano Veloso. In: A beira e o mar. Rio de Janeiro: Philips Records, 1984. 1 LP, faixa 07.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografías menores. **Pro-Posições**, v. 20, n. 3, p. 17-28, 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. A educação visual dos mapas. **Revista Geográfica de America Central**. v. 2, n. 47 E, p. 1-20, 2011.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Goiânia, 2011. **Anais** do XI ENPEG, Goiânia, 2011, v. 1, p. 1-9.

PAZ, P. I. **Corrida de orientação:** promovendo o desporto no Brasil. 2003. Monografia apresentada para bacharelado em Comunicação Social, Universidade Federal de Fluminense, 2003.

SEEMANN, Jorn. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. **Geografares**, n. 12, p. 138-174, 2012.

TRILHOS Urbanos. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. In: Cinema Transcendental. Rio de Janeiro: Philips Records, 1979. 1 LP, faixa 07.

Recebido em 18 de janeiro de 2021.

Aceito para publicação em 16 de junho 2022.